



BOLETIM

trimestral
gratuito

23º ano
nº 93

Junho
2019

Associação dos Aposentados e Reformados da RDP



SANTIAGO DE COMPOSTELA



SUMÁRIO

Editorial 3
M^a. Emília Ramalho

Um rio, uma pia e um castelo 4/5
Ribeiro da Silva

O Sótão da Vida 6/7
Maria Clara

Aniversariantes 8/9

Augustina Bessa Luís 10/11/12
Graça Vasconcelos

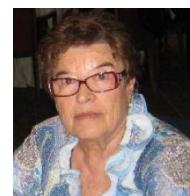
Caminhos de Santiago 13
M^a. Emília Ramalho

31º Aniversário e Passeio ao Douro 14

Poesia 15
M^a. Assunção Freire
M^a. Hermínia Anastácio

Direcção: *António Marques Maria*
Edição: *Maria Emilia Ramalho*
Design e grafismo: *Guilherme Guimarães*
Impressão: Reprografia - RTP

EDITORIAL



MariaEmiliaRamalho

Um dos objectivos da AR/RADIO, consagrado nos seus Estatutos, é o apoio, designadamente no âmbito do convívio, aos aposentados, reformados e pensionistas, oriundos da RDP ,e seus familiares (art.3º) e, nesse sentido, organizar formas de convívio e ocupação de tempos livres (art.4º)

Assim temos feito, promovendo passeios e convívios que, duma maneira geral, têm tido um acolhimento entusiástico, vejam-se os elevados níveis de inscrições, sempre que algum evento é anunciado.

Tentamos também aliar o aspecto lúdico ao cultural (com visitas a Museus, por exemplo), porque cada vez se torna mais premente não descurar a cultura, em todas as suas formas, num país em que “essa senhora” continua a ser a parente pobre.

No que diz respeito a um passado mais próximo, salientamos a “Peregrinação” a Santiago de Compostela, com uma visita às principais cidades da Galiza.

Festejámos em seguida o aniversário da Associação num almoço em Lisboa porque, no dizer de muito boa gente, a mesa é o sítio ideal para um convívio e um reencontro de velhas amizades, no aconchego de estômagos tornam-se mais fáceis a alegria e a festa. Parabens AR/RADIO pelos teus 31 anos.

Como um polo de interesse turístico de eleição é o Douro, não podíamos faltar a um Cruzeiro da Régua ao Porto, com o tradicional porto de honra e um agradável almoço, servido a bordo. Antes porém teve lugar um animado almoço-convívio na Pateira de Fermentelos, onde foram nossos convidados, colegas do Porto e Coimbra. Bem hajam por terem vindo!

Todos estes eventos serão noticiados mais detalhadamente nas páginas deste Boletim. Por favor, leiam-nos.

E para além do nosso modesto Boletim, caros amigos, façam um favor a si mesmos, aproveitem o rescaldo da Feira do Livro e leiam, ajudem a promover os hábitos de leitura, que andam muito afastados da generalidade das pessoas. Há lá coisa mais bela que abrir um novo livro, sentir-lhe o cheiro a papel e tinta fresca e lentamente, sem pressas “informáticas” saborear o pensamento do escritor e o desenvolvimento da sua história.



Um rio, uma pia e um castelo



Ribeiro da Silva

Depois de termos percorrido algumas estradas rurais, quase veredas, que nos obrigaram a rodar cuidadosamente por percursos inesperados mas nos ofereceram o encanto de paisagens campestres plenas de variedade, não me restava outro remédio senão engolir o orgulho e reconciliar-me com o escassamente utilizado GPS, incorporado num recém adquirido Iphone, após alguns anos de teimosa repulsa por tais pretensiosas engenhocas devido a numerosas e desagradáveis partidas que um dos seus semelhantes me fizera e acabou por ir janela fora do carro.

Desta vez foi diferente: íamos para Fátima e, um pouco para variar o percurso habitual pela EN1, na altura de Porto de Mós virei à direita, rodámos um pouco mais e entrámos na EN 243, sendo precisamente nessa altura que me recordei de um local ali perto que me haviam informado ser merecedor de visita. Não sabia o caminho e, não muito à vontade, puxei do aparelho e dei os cliques que julguei necessários, acertando logo à primeira vez para minha surpresa. Limitei-me a seguir o rumo que ele (ela) me ia indicando - e ainda bem.

Não tivemos de percorrer muitos quilómetros e valeram a pena, tais as admiráveis vistas com que deparámos a cada curva das estreitas estradas e quando alcançámos o cimo das poucas subidas que nos esperavam.

O arquitecto italiano Renzo Piano recordou recentemente numa entrevista publicada na revista do semanário «Expresso» um frase do poema «Ítaca» da autoria do poeta grego Konstantinos Kavápis em que este nos diz que o que nos importa não é o destino, mas a viagem. Embora nunca tivéssemos lido tal poema, muito nos satisfaz saber que não somos os únicos a manifestar a mesma opinião - que ainda hoje nos faz mover.

E sobre as estradas da zona que em esse dia andámos nem sequer ouso tentar uma descrição paisagística das belas imagens vividas, a qual decerto não seria espelho da realidade; apenas deixo convite para que as visitem também, calmamente, pois estarão a conhecer uma das mais bonitas regiões estremenhais. Aliás, basta percorrer algumas estradas rurais circunvizinhas de Fátima para o verificar e confirmar.



E foi neste cenário de esplendor natural, rodeado de verdura, de campos bem cuidados, de escassas matas, de pequenas casas cuja brancura é contrastante, que o GPS ganhou louros, conduzindo-nos directamente à aldeia da Fonte, junto da qual está situada a nascente do Rio Lis, nosso ocasional destino, em várias ressurgências no calcário da Serra de S. Mamede, a 400 metros de altitude.

Aqui o rio brota calmamente, deslizando até à aldeia, lá em baixo, onde surge jorrando com muito maior força, quando a água da chuva contribui para o aumento do caudal.

Não era esse, porém, o caso na altura em que ali estivemos, no primeiro dia da Primavera, anunciada muito seca, na esteira de um inverno que do mesmo modo terminara.

Ali o rio não merecerá este nome, talvez fosse mais apropriado, com certa injustiça, o de regato, mas seja como for, a corrente, naquela altura, ainda era de certo volume e as águas, límpidas e agitadas apenas por alguns patos e suas crias que por ali vagueavam permitiam-lhe reflectir toda a beleza circundante.

Na opinião de quem o conhece bem e já o percorreu da nascente até à foz, o que está longe de ser o nosso caso, durante todo o seu percurso é um constante encontro com trechos de enquadramento deslumbrante, apenas perturbado por actos criminosos que mancham as águas e deveriam ser punidos rigorosamente. Contudo, a zona da nascente está livre de tais ofensas e oferece um ambiente belo e repousante em que apetece permanecer e beneficiar de tão agradável acolhimento e, em épocas mais propícias para banhos, gozar da frescura da água corrente em locais para esse efeito atractivos. Com tais atractivos, não duvidamos que visitar a nascente do Rio Lis se pode tornar um complemento muito agradável de uma ida a Fátima, mas tem encantos suficientes para a merecer por si só.



Depois desta visita dirigimo-nos a Fátima, nosso destino directo inicial, que também foi complementado por outra visita a local dali não muito distante, a Pia do Urso, pequena povoação construída em granito cujas casas estavam parcialmente abandonadas e em ruínas e foram reconstruídas e requalificadas para o turismo com os materiais e esquemas originais formando um interessante conjunto que desperta muito as atenções e tem a

particularidade de oferecer especiais facilidades aos inviduais, pois foram criados expressamente para eles percursos pedestres tornando-o «Europarque Sensorial», temático e ecológico, formado por várias estações interactivas e lúdicas.

Ao longo do percurso, os visitantes têm a possibilidade de apreciar a fauna e a flora locais além de várias formações geológicas, designadas «pias», onde outrora os ursos, então existentes na região, viriam beber água, daqui derivando o nome da aldeia, antiquíssima.

Esta estada em Fátima deu ainda oportunidade para uma nova visita à cidade de Ourém, também não muito distante, atraídos pelo castelo e bairro medieval, que nos faltava visitar. Para lá chegarmos fomos por uma das estradas que fazem a ligação entre as duas cidades, a qual, não sendo a principal, corre ao longo de um vale um tanto sombrio, provavelmente acompanhando algum curso de água que não é distinguível da estrada, rodeada durante muitos quilómetros por um denso eucaliptal que tem a particularidade de as alas destas árvores, em frequentes trechos, não distarem da berma da estrada mais do que um metro... Felicitá-mo-nos por ainda não ser Verão...

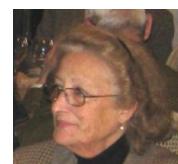


Ourém era anteriormente conhecida por Vila Nova de Ourém e começou por erguer-se na elevação onde hoje estão situados a vila medieval e o castelo, transferindo-se posteriormente para a actual situação, distante cerca de 2 km.

No castelo destacam-se três torres triangulares que encerram um recinto onde existe uma cisterna alimentada por uma corrente de água. No lado norte do terreiro há uma estátua de D. Nuno Álvares Pereira, que dali partiu para comandar as forças portuguesas quando foi da Batalha de Aljubarrota. No exterior, no lado sul, avulta o Paço do Conde D. Afonso, uma curiosa construção que conjuga fins militares de defesa com inspiração veneziana.

E por estes caminhos e paisagens decorreu uma das nossas «escapadelas», permitindo mais um destes breves apontamentos com que tento por vezes chamar a atenção para locais e recantos do nosso País talvez menos conhecidos e visitados.

Hoje visitei o Sótão da Vida...



Maria Clara

E o que encontrei eu por entre o pó dos anos? Muitas e velhas Amizades. Umas afogadas em lágrimas, outras esfaceladas pelos desgostos, algumas ainda cheias de nódoas negras provocadas pelos maus tratos. Havia também os espoliados dos seus bens e aquêles a quem foi roubada toda a sua dignidade e, com ela, toda a estrutura física, o que fez com que todos ficassem invisíveis...

Na minha qualidade de jornalista, forcei algumas entrevistas para saber porque havia tanta gente no Sótão. Gente só, sem ajuda, sem recuperação e sem uma réstia de esperança. O que vi e ouvi foi demolidor. Até o meu gravador se comoveu ... Havia de tudo: abandono, agressão, insultos (alguns com palavrões fortes que nunca imaginei pronunciados de filhos para pais), recusa de auxílio, de cuidados, de alimentação, de tudo, incluindo o amor.

Na minha qualidade de voluntária-visitadora não sei se já vi de tudo, mas sei que já vi muito.



AUGUSTO, MARIA MARGARIDA - CUIDAR DOS IDOSOS: UM DEVER FAMILIAR

“-Nas sociedades primitivas pré-históricas, o papel do velho varia de um povo para outro. Em período favorável, quando não estava em causa a alimentação e a sobrevivência da sociedade, o velho tem uma situação invejável, sendo respeitado, honrado e representando um importante papel social, nomeadamente como depositário do saber. Pelo contrário, em períodos desfavoráveis, “o velho que se torna inútil pelos seus males físicos ou mentais é com frequência eliminado”. Entre os séculos IX e I a.C., foram escritas referências bíblicas, em relação à velhice. No tempo hebraico, “[e] em geral, os velhos parecem ter sido verdadeiramente respeitados, acarinhados e obedecidos, gozando de um prestígio quase religioso e a sua sorte poderá ser invejada pelas gerações futuras” . Na época do nomadismo, os velhos foram considerados os chefes naturais do povo, desempenhando um papel fundamental.

“Mãe da civilização ocidental, a Grécia antiga legou-nos uma herança fascinante que durante muito tempo esteve na base da nossa visão do Mundo”. Na Grécia antiga, a velhice foi sempre encarada como uma maldição, e a eterna juventude como a felicidade suprema, visão retratada no Héracles de Eurípides. De entre os filósofos da Grécia antiga é possível destacar Platão e Aristóteles, e a visão divergente que cada um deles teve sobre o velho. Para Platão “[o] homem de bem, formado por uma vida virtuosa, conhecerá ainda dias felizes; a sua velhice será o culminar da sua vida”, “os filhos devem respeito e obediência absoluta aos seus pais, (...) se alguém despreza os pais, deverá ser denunciado (...) se alguém maltratar os seus pais, será julgado”.

Para Aristóteles, muitas vezes a velhice “não é mais do que a acumulação de erros num espírito endurecido pela idade”. Atribuindo à velhice todos os defeitos, considera que os velhos têm mau carácter. Quanto à família, “Aristóteles fazia ver que o lar é o primeiro quadro da socialização do homem. As funções sociais de toda a espécie exercida pela família tornavam-na um grupo social indispensável, digno de protecção e tendo necessidade de normas”.

Na sociedade grega clássica, os velhos não tinham o respeito dos filhos, sendo sujeitos ao abandono, a ofensas corporais e até ao assassinato, mesmo existindo leis atenienses que insistiam “na obrigação de respeitar os velhos pais ...”

Foi na Grécia que “se falou pela primeira vez em instituições de caridade destinadas a manter os velhos necessitados.”

LINHA DO CIDADÃO IDOSO - 800 20 35 31

A Linha do Cidadão Idoso pretende divulgar junto das pessoas idosas informação sobre os seus direitos e benefícios na área da saúde, segurança social, habitação, obrigações familiares, acção social, equipamentos e serviços, lazer, entre outras, de forma a contribuir para uma participação mais activa dos idosos na vida da sociedade, habilitando-os para um melhor exercício dos seus direitos. Propõe-se igualmente garantir um atendimento personalizado e contribuir para a acessibilidade da informação.

Artigo 25.º da Constituição Portuguesa (Direito à integridade pessoal)

1. A integridade moral e física das pessoas é inviolável.
2. Ninguém pode ser submetido a tortura, nem a tratos ou penas cruéis, degradantes ou desumanos.

Muito se apregoa que todo o cidadão idoso, esteja onde estiver, tem direito a tudo o que contribua para a sua segurança, a sua saúde, a sua integridade e o seu bem-estar. E quem recusar êsses direitos comete falta grave e, em casos extremos, até um crime. Mas, na prática, há muitas e graves excepções, quer no domicílio do próprio ou da família, quer em instituições, residências ou lares. Achei curiosa, mas também pertinente, a pergunta que encontrei àcerca dos idosos (os que são hoje ou os que serão amanhã) e que deixo para reflexão :

Num contexto em que as famílias são cada vez menores e a solidariedade entre gerações “mais frágil”, estarão os portugueses (e o resto da Humanidade) a preparar-se atempadamente para o envelhecimento da sua vida?

**“-Tenho quarenta janelas,
nas paredes do meu quarto,
Pela quadrada entra a esperança,
Pela redonda entra o sonho,
Por além entra a tristeza,
por aquela entra a saudade,
E o amor dos homens, e o tédio,**

**E a inocência, e a bondade
e a dor própria, e a dor alheia
e a paixão que se incendeia
e a viuez, e a piedade.
Todos os risos e choros
todas as fomes e sedes,
tudo alonga a sua sombra,
nas minhas quatro paredes.**

**Oh janelas do meu quarto
quem vos pudesse rasgar,
com tanta janela aberta,
falta-me a luz e o ar.-“**

Gedeão, António-As Janelas do Meu Quarto

* Nota – Tudo o que aqui fica, enleado de metáforas, me remeteu para os versos de Gedeão porque associo o seu grito (**falta-me a luz e o ar**) àquela que ninguém ouve : o dos velhos, vítimas-confinadas-ao-desespere, no calvário do fim da sua Vida, quando ela lhes nega o amanhecer, a doçura de um beijo e o SONHO.



PARABÉNS

São estes os colegas que festejam o seu Aniversário no 3º Trimestre (meses de Julho, Agosto e Setembro) do corrente ano. São nomes de amigos que nesse dia merecem ser lembrados e receber uma mensagem e um abraço. Aqui fica o convite!

Julho/2019

Dia

- 1 ANTÓNIO CARLOS LOPES BEXIGA
- 1 CONCEIÇÃO AMÉLIA N. ALVES
- 1 LAURA DA CONCEIÇÃO S. MOREIRA
- 1 MARIA FERNANDA CRUZ MARQUES
- 5 ROSA MARIA PIMENTA TORRÃO
- 6 ALFREDO SANTOS ROCHA
- 7 MARIA ADELAIDE P. R. FONTES
- 8 HENRIQUE DOS SANTOS
- 10 EMÍLIA CARDOSO ROSA
- 10 MARIA IVONE NUNES P BENTO
- 12 MARIA CLEMENTINA L. SILVA
- 13 ERNESTO BENTO ROSA
- 14 MARIA ISABEL J. A. CARDOSO
- 16 PEDRO LUIS ALVES S. M. RIBEIRO
- 19 ANA PAULA BARCELÓ R. HENRIQUES
- 19 JOSÉ CARLOS PINHEIRO CANDEIAS

Dia

- 20 MARIA DE LURDES P. C. GONÇALVES
- 20 MARIA FERNANDA A. A. GONÇALVES
- 20 MARIA CONCEIÇÃO FERREIRA
- 23 RICARDO MARTINS PINTO
- 23 RUBI ANTONIO REIS ÁVILA
- 23 VÍTOR CARLOS AMARAL ALMEIDA
- 24 JOAQUIM JOSÉ SIMÕES REIS
- 25 JOSÉ REINALDO S. FARIA SANTOS
- 26 ANA CRISTINA PIRES SOARES
- 26 ODETE SIMÕES VICENTE AMARO
- 27 GILBERTA GOMES SILVA MONTEIRO
- 27 GRAÇA MARIA C. DINIS V. BISCAIA
- 27 MÁRIO MARQUES PESTANA
- 29 CASIMIRO VALE FAISCO

MEMÓRIA

Durante o corrente ano, faleceram alguns colegas e associados, a quem prestamos a nossa homenagem, renovando os sentidos pêsames aos respectivos familiares.

Com efeito, já não estão entre nós os colegas e amigos **Jorge Daniel F.G.Santos, Maria Manuela S.F.Jorge, Orlando Moreira Santos, Aureliano Ramos Pacheco e Mário Henrique F. Moreira Feio**.

Para eles e outros de que eventualmente não tenhamos tido conhecimento em momento oportuno, a saudade e a memória do tempo que passámos juntos.

ANIVERSARIANTES DE AGOSTO E SETEMBRO DE 2019

Agosto

Dia

- 1 MARIA SOLEDADE A. M. ANTUNES
- 1 JOÃO MANUEL NOGUEIRA BISCAIA
- 2 LÍDIA MARIA XUFRE MENDES LUZ
- 2 MARIA ASSUNÇÃO CARMO FREIRE
- 2 MARIA EDE RICOU BRÁS CUNHA
- 4 JOÃO ALVES DIAS
- 4 JOSE MANUEL JESUS S. LOURENÇO
- 5 MARIA FERNANDA M.S. LARANJA
- 6 MARIA MARGARIDA M. S. MOREIRA
- 7 CARLOS A. FERNANDES SILVA
- 9 MANUEL F. DOS SANTOS LOPES
- 10 VÍTOR C. S. LAGRANGE SILVA
- 14 JOSÉ DIAS
- 16 MARIA ANJOS MATOS M. PINHEIRO
- 18 FERNANDO CORDEIRO ROCHA
- 18 DIALINO MARGARIDO ESTEVES
- 18 JORGE DANIEL F. G. SANTOS
- 19 MARIA FÁTIMA SILVA REIS
- 20 CARMELINA DA GLÓRIA C. FIDALGO
- 21 FRANCISCO J. PALMA DE ALMEIDA
- 22 MARIA DULCE P. PAIS MAMEDE
- 22 MARIA ALEXANDRA B. L. ALHO
- 23 GIL MONTALVERNE FIGUEIREDO
- 23 PAULO ALEXANDRE R. FERREIRA
- 23 MARIA AMÉLIA G. GOMES S. BRANDÃO
- 24 JOÃO AURÉLIO SANSÁO COELHO
- 24 DELMIRA LUISA NOGUEIRA
- 24 MARIA ADOSINDA M. BILA
- 25 JAIME MONTEIRO ANTUNES
- 28 JOSÉ GARCIA MARQUES FREITAS
- 28 CARLOS MANUEL SIMAS FERREIRA
- 29 CARLOS DE SOUSA PORTUGAL
- 31 MARIA LURDES SANTOS GOMES
- 31 ELISABETE PEREIRA

Setembro

Dia

- 2 JOSÉ MANUEL URBANO SANTOS
- 3 ILDA DOS ANJOS PINTO DUARTE
- 3 MARIA ONDINA MACIAS MARQUES
- 4 CRISTINA M. PINHO LUÍS SAMBADO
- 5 CARLOS ALBERTO F. VENTURA
- 5 JUSTINIANO MANUEL C. VARGUES
- 6 MANUEL LEMOS NEVOA
- 6 MARIA ODETE SIMÕES RIBEIRO
- 6 ADELAIDE CONCEIÇÃO F.L.C. LOPES
- 7 MARIA MARQUES SILVA
- 10 ARCÍLIA DE LURDES M.S. MENDES
- 14 OLGA MARIA SERRA LUZ
- 14 MARIA ESPERANÇA S. O. MIDÕES
- 16 IVONE A INFANTE CAMPOS
- 20 MARIA IRENE SOUSA PINTO CABRAL
- 23 MARIA DA GRAÇA LUCAS MARTINS
- 23 MARIA ROSA FIGUEIRA DE SOUSA
- 23 MARIA TERESA F FERREIRA SILVA
- 24 MARIA FERNANDA M. G. PARDAL
- 24 LILIA DINAH DUARTE F LEITÃO
- 25 GUILHERME AUGUSTO V. BARBOSA
- 25 SERAFINA ROSA JESUS A GRAMAÇA
- 26 ANTÓNIO A. B. SIMÕES RAPOSO
- 27 HENRIQUE LUZ FERNANDES
- 28 ARISTIDES MARTINHO FAZENDEIRO
- 28 MARIA ZULMIRA C. ALVES PIRES
- 30 LUCIANO BRÁS DE ALMEIDA
- 30 MARIA JÚLIA DOS SANTOS RUSSO



AUGUSTINA BESSA-LUÍS (1922-2019)

"Alguém que se decide a pensar tem que abdicar da simpatia, essa ilusão dos fracos carácteres."



Agustina Bessa -Luís
in Ternos Guerreiros, 1960

Graça Vasconcelos

A mais extraordinária e talentosa escritora portuguesa do século XX deixou-nos, aos 96 anos.



Agustina-Bessa-Luís nasceu a 15 de outubro de 1922 em Vila-Meã, próximo de Amarante. Filha de proprietários rurais e de uma pequena aristocracia duriense e de Zamora, em Espanha; o seu único irmão suicidou-se na década de 60. O futuro da escritora não era previsível, tendo em conta o ambiente doméstico e a época histórica em que então se vivia. No entanto, as marcas autobiográficas são recorrentes na sua escrita.

Fez estudos liceais na Póvoa de Varzim e no Porto, mas não chegou a frequentar a Universidade. Ler e escrever eram as suas ocupações preferidas.

A autora casará a 26 de julho de 1945 com o advogado Alberto Luís (falecido em 2017), que conheceu através dum anúncio, tornado célebre, que publicou, em 1944, no Jornal Primeiro de Janeiro. Em 1946 nasceu a única filha do casal, Laura Mónica.

Agustina Bessa-Luís viverá no Porto a maior parte da sua vida. É à escrita que irá dedicar-se quase totalmente e é vasta a sua obra.

Não foi preciso muito tempo para a escritora ascender ao panteão literário. Em 1954, **A Sibila** impõe-se como clássico instantâneo. Não houve dúvida, não havia nada assim. Como escreveu Mário Santos, em **A Sibila**, lia-se já "a característica e caudalosa fluidez da escrita de Agustina, barroca e ironicamente anarquizante, que parece brotar de uma inesgotável e paradoxal fonte mediúnica, com aquela permanente e provocadora tentação oracular, silenciosa, quase profética, que é também uma maneira de avessar a narração e as suas ingénias artimanhas".

Há quem fale então, em "pedrada no charco" e críticos da época, como Óscar Lopes e João Gaspar Simões, aplaudiram o romance.

Era intensa a sua atividade literária e intelectual e foram muitos os escritores com quem Agustina conviveu e se relacionou: José Régio, Sophia de Mello B. Andresen, Maria Helena Vieira da Silva e muitos mais. O realizador Manuel de Oliveira foi uma presença importante na sua vida, amizade tempestuosa e nada fácil, mas muito criativa, tendo passado ao cinema algumas das suas obras. Deixo aqui alguns dos filmes desta ilustre parceria : **Francisca** (inspirado em Fanny Owen), **Vale Abraão**, **O Convento**, **Party** (diálogos escritos por Agustina), **Inquietude**, **O Espelho Mágico**.

Em 2009, o realizador João Botelho adaptou para cinema o seu livro **A Corte do Norte**, passado na ilha da Madeira.

Filipe La Féria encenou as peças de teatro da escritora **A Bela Portuguesa** e **As Fúrias**.

"A política interessa-me mas não me atrai", disse um dia a escritora e a verdade é que, para além da escrita, interveio na política sem nunca se filiar em qualquer partido, politicamente, diria eu, que nunca se deixou aprisionar, sempre com uma grande liberdade de pensamento.

Agustina teve uma curta e algo polémica passagem, entre 1990 e 93, pelo Teatro Nacional D.Maria II, e foi diretora do jornal Primeiro de Janeiro, tendo colaborado noutros diários e também semanários (Liberal, Semanário, Independente) e participado em programas da televisão pública. A escritora foi também membro da Academia Brasileira de Letras e da Academie Européenne des Sciences, des Arts et des Lettres (Paris).

Agustina Bessa-Luís é uma escritora genial, pouco dada a cânones literários ou outros. Talvez por isso, suscitou desde sempre reações extremadas: leitores que a criticam severamente ou leitores apaixonados pela sua obra.

Em 1960, no seu romance **Ternos Guerreiros**, escreveu no prefácio: "Alguém que se decide a pensar tem que abdicar da simpatia, essa ilusão dos fracos carácteres (...) O sectarismo da crítica (...) e a engrenagem da indústria livreira (...) provocou um curioso fenómeno: os autores mais dotados e mais originais consentem em copiar os velhos modelos e em servir-se de uma linguagem cansada; os autores irresponsáveis e limitados de génio simulam uma audácia estandardizada e surpreendem as sociedades com as suas ingénias mercadorias".

Foram muitos os autores que admiraram e comentaram as obras de Agustina. Diz Hélia Correia: "Se há génio é Agustina, se há mistério literário é Agustina. Se há alguém que não morre é Agustina". Seu amigo de longa data, Mário Cláudio refere o seu "Estilo único e inigualável mas também a sua visão de "uma portugalidade a Norte, com grandes personagens". Para Gonçalo M. Tavares, "Agustina é a maior escritora de sempre da língua portuguesa (...) os livros de Agustina formam uma obra única, uma máquina trituradora de grande clareza, inteligência e inconformismo". Pedro Mexia escreve: "A cada leitura de Agustina descobrimos um génio de inteligência, sageza, liberdade, ironia e estilo; mas também uma figura indomável, surpreendente, lírica, sarcástica, exata e feroz, uma autora que vale uma literatura." Não resisto ainda a deixar aqui um pequeno excerto do testemunho do nosso filósofo Eduardo Lourenço, sobre a escritora: "A palavra de Agustina é tão caoticamente libérrima, tão rente à voz clónica da Sibila onde de uma vez para sempre se identificou com a vocação e o destino que escolheu de exprimir, como em transe, as revelações mais obscuras do sangue, do sentir, do sonho , do delírio, que é uma pretensão ridícula tentar remetê-la para aquela visão humanística da literatura que precisamente a espécie de milagre da sua ficção, veio desarrumar e nunca mais será o que era antes dela (...).

Confesso não conhecer muito da obra de Agustina Bessa-Luís, mas daquilo que li, penso que os seus livros exigem do leitor um grande envolvimento. Sou uma incondicional da sua escrita e conto ler ainda muitos dos livros que não conheço. Essa mistura de imaginários e de estilos "combinação de uma tradição camiliana, mais ou menos portuguesa, mais ou menos regionalista", são absolutamente fascinantes. Impossível categorizá-la em géneros e, como diz ainda Pedro Mexia, "Agustina levou a literatura portuguesa a sítios onde ela nunca tinha ido daquela maneira".

Tive uma vez, a oportunidade de trocar algumas palavras com a escritora, e foi patente a sua gentileza e sentido de humor.

Agustina escreveu e comentou os grandes temas do país e do mundo. Para além de romancista, como já referimos, foi autora de peças de teatro, guiões para cinema, ensaios e livros infantis, textos biográficos, memorialísticos e de viagens, biografias romanceadas, crónicas e tantos textos jornalísticos, numa obra com mais de uma centena de títulos. Está traduzida para alemão, castelhano, francês, dinamarquês, italiano, grego e romeno.

A autora participou também em colóquios e encontros internacionais e realizou conferências por todo o mundo.

Foram muitos os prémios recebidos por Agustina Bessa-Luís, distinções e doutoramentos *honoris causa*; vou apenas referir aqui o Prémio Camões, em 2004.

Refiro alguns dos seus livros, para além dos já citados: **Um Bicho da Terra, Pessoas Felizes, Camilo e as circunstâncias, Um cão que sonha, Doidos e Amantes, O Concerto dos Flamengos, Os Meninos de Ouro, A Quinta Essênciac, A Alma dos Ricos, Os Espaços em Branco**. No teatro, **A Bela Portuguesa, Garrett: O Eremita do Chiado**. Escreveu também as biografias: **Santo António, Florbela Espanca, Sebastião José**. No ensaio, refiro “**Camilo: Génio e Figura**”.

De salientar que, as mulheres, na escrita de Agustina, são sempre esquivas ao sentimentalismo, são mulheres que preferem ser admiradas mais do que desejadas.

Aqui deixo dois excertos do último e derradeiro romance de Agustina, **A Ronda Da Noite**: “O mais estranho era uma cópia nas dimensões naturais da Ronda da Noite, de Rembrandt. Ocupava toda uma parede da sala de jantar, e os pés do capitão Banning Cocq e do seu lugar-tenente tocavam o chão. Para prevenir qualquer avaria, um dos famosos canapés protegia a parte baixa do quadro. O que, durante os anos de infância de Martinho, lhe causava terror e curiosidade. (...) Mas as ideias dele já tinham levado outro rumo e corriam na feição de Ronda da Noite que, cada vez mais, o prendia à terra. A desordem da arte atacava o princípio da autoridade, que estava a declinar no ensino oficial, nos laços conjugais, no dogma religioso. No entanto, Martinho tinha, às vezes, alucinações como a de ouvir tocar a campainha da porta e ir abrir. Deparava-se-lhe Judite, com o seu chapéu de couro preto molhado pela chuva. Abraçava-a tão apertadamente que sentia o ar fugir do peito dela. Era um amor sem razão, um amor por uma criminosa, sem instrução, sem fortuna alguma. Mas o correr dos dias que passara com ela era inesquecível, fazia que um elo de corpo e alma se tivesse soldado com eles. O homem é infeliz enquanto não troca as leis que orientam a vida pública e particular pela virtude criadora da destruição. As suas paixões estavam a ser fixadas nas coisas passadas, coisa que não tinham algum poder sobre ele, que ele pode viciar, se quiser inventar, reconstruir como um puzzle desfeito e voltado a reunir em todas as suas peças que ocupariam outro lugar e não o que lhes fora destinado. Por isso é que a ordem de Banning Cocq não era obedecida. Atrás dele estava uma turba de pessoas felizes por lhe desobedecerem e que não preparavam qualquer cortejo; simplesmente, estavam a negar-se a cumprir fosse o que fosse. Um entusiasmo fresco e cheio de atividade saudava a destruição da ordem. Assim, as figuras convencionais dos retratados ficavam tão destituídas de poder que fora por isso que provocara o riso dos admiradores de Rembrandt.”

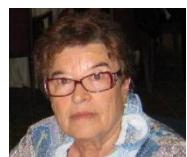
Em 2006, após publicação do seu romance Ronda da Noite, Agustina Bessa-Luís foi vítima de um AVC e retirou-se para a sua casa no Porto, onde residia há 40 anos, não tendo sido vista em público, desde então.

Deixa-nos, agora, aos 96 anos.

Resta-me acrescentar que a escritora era uma pessoa reservada, mas que gostava de desafiar o protocolo e a conveniência; algo teatral, se quisermos, sempre impecavelmente vestida, tantas vezes com um belo xaile pelos ombros.

Termino, dizendo como Hélia Correia, “**o que é preciso é ler e pasmar**”, porque Agustina Bessa-Luís é sem sombra de dúvida uma escritora essencial, uma voz maior na literatura portuguesa.

PELOS CAMINHOS DE SANTIAGO



MariaEmiliaRamalho

Os caminhos de Santiago são os vários percursos seguidos pelos peregrinos que, desde o séc.IX, se dirigem a Santiago de Compostela, para venerar as relíquias do apóstolo Tiago Maior, que participou na evangelização da Palestina e, segundo a lenda, terá exercido o seu apostolado em Espanha, na Galiza. Muitas histórias e lendas envolvem a descoberta das suas ossadas, intimamente ligada à acção de Afonso II, rei das Astúrias e à reconquista cristã da Península.

Os caminhos de Santiago têm 7 rotas: o Francês, o do Norte, o Inglês, a Via de Plata, a Rota Marítima Fluvial, o Caminho Primitivo e o Português. Em Portugal, os caminhos são na realidade vários, de Norte a Sul, com variantes por Coimbra, Tomar e outros.

Qual terá sido o nosso Caminho? Só sei que entrámos na Galiza em direcção a La Guardia, devemos ter perdido e enganado nas setas, fomos obrigados a pernoitar em várias cidades Galegas que nos acolheram como qualquer peregrino de Santiago desejaria, em pousadas e estalagens de 4 estrelas, andámos por Baiona (chuval!) Vigo (a cidade mais populosa da Galiza), subimos penosamente ao Monte del Castro, percorremos a zona comercial, a Calle Príncepe, esgotámos numa loja de chineses uns curiosos “paráguas” que, quando se molham, mudam de cor.

Depois quis o Santo que demandássemos Ourense, cidade termal da “água e do Ouro”, banhada pelo Rio Minho com a velha Ponte Romana e a Catedral de San Martin.

Mas Santiago ainda vem longe, peregrinámos por Pontevedra, num emaranhado de ruas e edifícios medievais, porventura o casco histórico mais interessante da Galiza.

Porque os peregrinos, como homens e mulheres que são (não esquecer a igualdade de género), estão sujeitos às fraquezas da carne, neste caso do marisco, fomos saciar a fome no El Grove, a bordo de um cruzeiro pela Ria de Arousa, numa apetitosa mariscada. Grande animação entre os peregrinos!

Para acabar o dia bem cheirosos, visitámos a Ilha de Toja, local sempre agradável, à beira da Ria, pretexto para a compra de sabonetes, perfumes e demais produtos de higiene!

Uma noite bem dormida e enfim Compostela, a Catedral e a Praça do Obradouro. Grande desilusão, a Catedral está em obras no seu interior, o túmulo do apóstolo e toda a sua envolvência coberto de panejamentos que nos ocultam a magnificência dos altares. Mas estamos lá, não foi em vão esta rude caminhada até ao Santo, serão dele uma das 3 ossadas encontradas ali por perto e assinaladas por uma chuva de estrelas, conforme conta a lenda? Santiago terá andado por aqui, com o seu bordão, a cabaça, a concha, o seu chapéu de abas largas, como aparece nos altares? Queremos crer que sim!

Contornámos a fachada da Catedral por todos os lados possíveis, a Universidade, o Hotel dos Reis Católicos, o Palácio de Raxoi, todo o centro histórico em granito, onde coabitam, lado a lado edifícios de vários estilos e épocas.

Em busca de Santiago, visitámos um sem número de catedrais, românicas, góticas, barrocas, quase sempre polvilhados por uma chuva ligeira, talvez a bênção de Santo!

Para finalizar, uma nota patriótica:

Porque é que, no regresso, nos soube tão bem, em Valença, aquela posta de bacalhau? Pois é, em Portugal ainda se come bem!

ANIVERSÁRIO DA AR/RÁDIO – 22 de Maio

Mais um ano, AR/RADIO, celebrado este ano, ali perto da nossa conhecida Av.5 de Outubro, mas desta vez o encontro não foi “debaixo” da ponte, local por natureza deprimente, mas no Café de la Musique, que só pelo nome faz lembrar futuros mais prósperos e requintados.

Aí tivemos a nossa festa e, para evidenciar o entusiasmo dos convidados, para uma sessão de Boas Vindas marcada para as 12.30, às 12.00 já estava lá praticamente toda a gente.



Para fazer jus ao nome, a animação musical esteve a cargo do artista Zézé Barbosa, a ementa satisfez e não fosse uma claraboia demasiado soalheira, tudo teria sido impecável.

Como já é habitual, foi lido, na ocasião, pela colega Maria Júlia Guerra, um poema de Parabéns da autoria de Maria Hermínia.

31º. Aniversário da AR-Rádio

31 anos de idade
não é nenhum 31
Já lhe traz maturidade
para um viver em comum!

A Ar-Rádio já é senhora,
tem motivos e razões
para enfrentar, sem demora
todas as situações.

Procurando ajudar,
procurando entender
a Ar-Rádio vai alcançar
medalha de bem fazer!...

Amigos associados
parabéns lhe querem dar
e todos, bem humorados
aqui estão a celebrar!...

PATEIRA DE FERMENTELOS

Não é a 1ªvez que visitamos este local acolhedor pela paisagem da Lagoa, pelas instalações da Estalagem, pela qualidade das ementas, pelo acolhimento e animação com que somos recebidos.

Para nos acompanhar, convidámos colegas do Porto e Coimbra, que se nos juntaram num alegre convívio. E foi uma tarde bem passada, com muita animação, música para dançar, bolo e espumante servidos por uns empregados um tanto inexperientes mas com muito boa vontade: que tal Gamito/Maria Emília/Remígio/Helena Leão? Num futuro próximo, alunos duma Escola de Hotelaria?



Finda a festa, rumámos à RÉGUA e passámos a noite num excelente hotel, que mais parecia um paquete sobre o Rio. No dia seguinte, passeio de barco Douro abaixo até ao Porto, com descidas, para alguns constrangedoras, das barragens do Carrapatelo e Crestuma.

Desembarcámos na Ribeira, apinhada de gente, esplanadas, tendas, um mar de comércio ali à beira rio. Abençoado turismo? Para alguns, talvez.

Recuperámos o autocarro e Adeus Porto, Olá Lisboa!

POESIA

SOPHIA



M. Assunção Freire

De Mello Andresen, poeta.
Poetisa, não, dizia:
Essa, é a mulher do poeta.

Contida e completa,
Concebia o que escrevia,
Críticas, crónicas, teatro
Mas, sendo sempre, poesia.

Suavemente, soletrando as sílabas
Dançava-os,
Contam as suas filhas.

Como seriam belas essas danças:
A Grécia, azul e branca, de mil ilhas,
Ao balanço das suas ondas mansas.

Uma surpresa de modernidade
E militância pela liberdade
Que, com palavras sabias, invocaste

Poema-baile, no sulco dos teus pés,
Esteio da beleza que criaste.
Pégaso, preso ao voo, que tu és,

Nota:
Em seis de Novembro, completam-se 100
anos sobre o nascimento de Sophia.
Portugal, Rio de Janeiro e Roma celebram
a data até fins de 2019. As celebrações já
estão a decorrer. O seu calendário pode
ser consultado no Centro Nacional de
Cultura:
WWW.Centenáriodesophia.com

CINCO ADÁGIOS



M. Hermínia Anastácio

“Água mole em pedra dura
Tanto bate até que fura”!...
Diz um rifão popular
Razão pela qual insisto
E assim nunca desisto
De me libertar do mal...

“Quem canta o seu mal espanta”,
Nunca te doa a garganta
E atenta noutro rifão
“não há mal que não acabe”!
Diz todo aquele que sabe
As razões do coração...

“De hora a hora Deus melhora”!...
Tem paciência agora
Porque o mal nem sempre dura...
O povo bem nos diz isto
E é por isso que eu insisto:
Deita a água na fervura!...

“Devagar se vai ao longe”
Diz o povo e diz o monge
Que nos vem aconselhar
A nunca perder a fé,
Seguir pelo nosso pé
E um bom caminho trilhar!...

Com todos estes rifões
Só vamos aos tropeções
Se não soubermos escutar
Todos aqueles conselhos
Que nos deram os mais velhos
Vindos na voz popular.

